

INTERVENÇÕES DO PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Cerimónia de Entrega do Prémio Gulbenkian para a Humanidade 2022

13 outubro 2022, Grande Auditório

A Fundação Calouste Gulbenkian anuncia hoje os vencedores da 3.^a edição do Prémio Gulbenkian para a Humanidade — Alterações Climáticas.

Na página do sítio da Fundação Gulbenkian que descreve a natureza do Prémio, uma das frases aí citadas como lema ou moto às questões a que o Prémio visa dar resposta é do ex-Secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon. Depois de referir que somos a primeira geração capaz de erradicar a pobreza, e a última geração capaz de contrariar os impactos mais adversos das alterações climáticas, o ex-Secretário-geral adverte-nos que “gerações futuras nos julgarão severamente se deixarmos de assumir as nossas responsabilidades morais e históricas”.

O tom desta advertência contrasta com o de uma intervenção recente do actual Secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres. A veemência de tom de Guterres é expressiva de como as alterações climáticas se têm agravado de modo aparentemente inapelável, e de como a resposta de países e Estados a um tal estado de coisas fica aquém dos compromissos que a esse propósito assumiram. É pouco habitual, se não inédito, que um Secretário-geral das Nações Unidas julgue necessário exprimir-se publicamente de modo tão contundente e áspero, como o que é audível neste excerto relativamente alongado da intervenção que Guterres fez aquando da publicação do 3.º relatório do IPCC, em 4 de Abril deste ano:

“O júri chegou a um veredicto. E é condenatório. O relatório do Painel Intergovernamental sobre Alterações Climáticas é uma litania de promessas quebradas. É um arquivo de vergonha, um catálogo das promessas vazias que nos põem resolutamente a caminho de um mundo inabitável Deixámos a COP 26 [a Conferência dos Signatários da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas] em Glasgow com um optimismo ingénuo. Mas o principal problema (...)

foi praticamente ignorado. A ciência é clara: para manter o limite de 1,5º Celsius acordado em Paris como possível, é necessário cortarmos as emissões globais em 45% na década que corre. Mas os compromissos climáticos actuais significam um aumento de 14% em emissões. E a maior parte dos emissores de vulto não está a tomar as medidas necessárias para atingir sequer essas inadequadas promessas...

Os activistas de questões climáticas são por vezes descritos como perigosos radicais. Mas os verdadeiros radicais perigosos são os países que estão a aumentar a produção de combustíveis fósseis.... Estamos em dívida com os jovens, a sociedade civil e as comunidades indígenas por terem soado o alarme e responsabilizado quem lidera.”

O estado de coisas que António Guterres descreve tem sido invocado em diversos contextos, em cenários, por exemplo, de possíveis colapsos climáticos ou civilizacionais em zonas da Terra que poderão tornar-se inabitáveis, como é o caso de ilhas do Sul do Pacífico, por exemplo, ou do impacto de tais colapsos em sistemas económico-sociais complexos, com as derivas políticas perversas que poderão induzir (parece haver um nexo entre grandes deslocações de pessoas entre continentes e a emergência de demagogos em alguns dos países de destino). Mas até mesmo aqueles para quem o discurso do Secretário-geral das Nações Unidas pareça revelar uma ênfase excessivamente catastrófica — confiantes como estão, por exemplo, em que a ciência e o investimento privado em tecnologia acabarão por contrariar ou mitigar a situação adversa por ele descrita — deverão considerar como acontecimentos que ocorreram ao tempo daquele seu discurso, em Abril deste ano, vieram acentuar a gravidade da situação nele exposta. As implicações no sistema energético europeu da invasão da Ucrânia por um regime despótico e amoral são um desses acontecimentos, de alcance ainda imprevisível.

Há, todavia, factos que nos encorajam, e contrariam em parte as adversidades descritas: os avanços na ciência e nas tecnologias neste domínio; os esforços de persuasão e os programas de literacia em questões relativas ao clima, aos oceanos e à biodiversidade, organizados por organismos públicos e organizações da sociedade civil; a influência progressiva de opiniões públicas mais atentas, e imunes à fadiga do tópico. Mas o mais promissor desses factos talvez seja o envolvimento das pessoas mais novas naquilo que percebem como um estado de coisas cuja resolução é condição necessária da existência do planeta e dos

seres que o habitam. Para alguém da minha geração, os mapas tinham uma fixidez natural e cores estáveis. O contorno e a cor só episodicamente eram alterados, em regra por uma imposição política, fosse ela virtuosa ou perversa, de redesenhar as fronteiras de um país. A Geografia parecia uma disciplina mais próxima da Física do que da História, mais fria do que quente, e confinando o movimento no seu seio a fenómenos decerto turbulentos, mas regulares e efémeros, como, por exemplo, o das monções. Todo o drama parecia residir em outras áreas do currículo. Como um autor francês do século XIX memoravelmente escreveu a propósito de como as crianças no seu tempo olhavam para mapas e estampas: “À claridade dos candeeiros, como o mundo era grande!” Poder redescrever de novo o mundo como habitável e diverso é hoje a exigência maior da justiça intergeracional. Não responder eficazmente a este apelo tornou-se um pesado dilema moral para quem decide.

O Prémio Gulbenkian para a Humanidade é parte de um continuum estratégico que a Fundação procura assegurar em tudo aquilo que faz. No processo de reflexão interno actualmente em curso entre nós, tornou-se-nos claro, de modo pouco surpreendente, aliás, que as duas prioridades do que fazemos deverão ser a sustentabilidade e a equidade. De modo pouco surpreendente, disse, porque rapidamente constatamos, na análise comparativa que fizemos, serem essas as prioridades da generalidade das fundações internacionais da magnitude e dimensão da nossa. A sustentabilidade como propósito maior recobre a totalidade do que fazemos nos mais diversos domínios; a equidade, por seu turno, é o termo positivo que nos permite referir a série de desigualdades, de acesso a bens primários ou públicos, por exemplo, que procuramos mitigar ou moderar.

Apresso-me a concluir, felicitando vivamente os vencedores desta 3.^a edição do Prémio Gulbenkian para a Humanidade: o Intergovernmental Panel on Biodiversity and Ecosystem Services - IPBES, na pessoa da Doutora Anne Larigauderie, e o Intergovernmental Panel on Climate Change – IPCC, na pessoa do Doutor Hoesung Lee.

Agradeço aos membros do júri o árduo trabalho que tiveram na escolha, de entre mais de uma centena de candidaturas, das duas instituições intergovernamentais vencedoras, as quais se associam agora aos vencedores das duas edições passadas: uma pessoa singular, Greta Thunberg, e uma confederação global de municípios, o Global Covenant of Mayors for Climate Change.

E concluo exprimindo como nos é grato acolher, aqui, como Presidente do júri, em substituição do Presidente Jorge Sampaio, a cuja memória me curvo, a ex-Chanceler da República Federal Alemã, Angela Merkel. Houve alguns, escassos, momentos, nos últimos anos, em que o espírito europeu caiu nos ombros de uma só pessoa: é bom saber que essa pessoa se encontra entre nós.

António Feijó